ENTRE-VISTAS

AS LEMBRANÇAS COLETIVAS DE UM TERRITÓRIO

por: Beatriz Damásio Penteado
Giulia Mariano Machado
e Ana Carolina Cordeiro Barbosa

DOI: doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1664

Jova Rural,
Zona Norte de São Paulo
Rafaela Neves, 2025.

Os fazeres coletivos guardam em si a memória do espaço-tempo. O vínculo com o território, com o chão, com o que é palpável, perpassa as lembranças junto das histórias de caminhos possíveis. A forma como se encontram, se relacionam, dos planos vividos e dos sonhos possíveis de reinventar, tudo é atravessado pelas forças e pelas políticas neste trajeto. São nos cultivos que se entende quais passos é possível dar nesses caminhos de alianças, mas que muitas das vezes encontram-se em disputas. Algumas das formas de se produzir sentido na vida são mapeando as existências, para se estabelecer redes. É a partir dos convívios e afetações que se marca o espaço com um outro uso dele. Quais são os nossos movimentos e apostas nos encontros com os territórios vivos?

Neste mesmo tempo-memória, os territórios enfrentam diferentes barreiras no acesso à uma moradia digna e de políticas públicas que potencializam e estruturam os ritos cotidianos. As pessoas que estão nas disputas pelo território são as mesmas que são afetadas pela falta. A falta de água, energia, mobilidade e saúde. Essa história é antiga, estar em busca dos direitos faz parte da memória, do fazer coletivo de querer entender e permanecer cotidianamente. Junto. A luta é diariamente coletiva e falar das vivências abre espaço para o cuidado na comunidade.

Este ensaio parte das experiências de pessoas que estão em comunidade, que pensam outros mundos e constroem nas lutas e jornadas dos caminhos rotineiros. Neste ensaio foram entrevistadas duas ativistas que residem na cidade de São Paulo. Elas trouxeram a reflexão de como alguns territórios estão mais expostos à insegurança, à ausência e a projetos que atingem populações negras e periféricas de uma forma desigual. A chuva não cai igual para todo mundo! Ela se encontra com a falta de estrutura e com a presença dela, quando a hierarquia colonial atravessa o tempo, as casas e os corpos. O estranhamento de quem recebe mais os impactos e menos os recursos também movimenta um olhar crítico para o que acontece na vida. É onde começa a questionar o que não é por acaso, e o olhar crítico articula as redes que sustentam as vivências e faz com que se coloque em um outro lugar de mobilização, o ativismo.

Falar dos (des)encontros é difícil. A memória às vezes carrega uma certa dor, ansiedade e angústia das incertezas, que também fazem parte da rotina de pessoas que estão em territórios marginalizados. Se perceber no ativismo é ser afetado pelas diversas violências que se conectam, é manter um pensamento crítico e um olhar atento ao se colocar na conquista de direitos. É conhecer o território em que se está para saber o que é necessário para se viver ali.

Ana e Giulia trazem em seus relatos as lembranças de histórias atravessadas pelas (im) possibilidades das diferentes forças que se encontram nos caminhos, que impactam nas formas que vivenciam o mundo. Ana Carolina Cordeiro Barbosa é jovem ativista-pesquisadora no Observatório De Olho na Quebrada em Heliópolis e fala como desde criança já tinha contato com o ativismo através de sua mãe, que trabalhava na nião de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (NAS). Giulia Mariano Machado também é uma jovem ativista-pesquisadora de uma organização de juventudes, o Engajamundo, que mostra como o ativismo traz outras percepções de mundos para que se pense o seu território e de sua família no Jardim Miriam, região Sul de São Paulo, de forma menos solitária.

Há 4 anos, Ana Carolina trabalha no Observatório De Olho na Quebrada, um projeto idealizado pela NAS Heliópolis e Região. Junto de juventudes, é realizado o processo de Geração Cidadã de Dados, com vivências dos próprios moradores. O resgate das histórias locais potencializa outras formas de discutir sobre o território. Ana está nos processos formativos dos grupos que se fortalecem localmente, e esse movimento é reflexo de experiências vividas em caminhadas de lutas. Percorrer caminhos de percepção crítica do que é vivido no cotidiano de seu bairro, também foi feito por Giulia. Crescida em Itanhaém - SP, sempre morou perto de cachoeiras, rios, praias e manguezais, tendo outra forma de viver a cidade. Ao ir para São Paulo, morou em diversas casas no Jardim Miriam, sempre com a vista para a Represa Billings. Ela reforça uma relação com o corpo d'água muito diferente da que tinha quando morava em Itanhaém. Em seus ca-

minhos vivenciados para ir à Escola Técnica Estadual, e depois na faculdade, Giulia teve um importante encontro com outros jovens ativistas do Engajamundo, onde teve outras oportunidades de ocupar espaços de discussão e de criar redes de cuidado.

Diante das forças que tensionam e distanciam, o acesso aos espaços é acompanhado de disputas e muito cansaço. Levar 3 horas para chegar no centro de São Paulo, pegar diferentes transportes públicos para fazer um caminho, esperar horas em filas para ter acesso ao cuidado e ainda trabalhando numa escala 6x1. Para além do que impacta cotidianamente as dinâmicas no território, atravessado pelas diferentes forças de violências, o racismo ambiental se materializa nas incertezas que as enchentes e as ilhas de calor trazem, na falta de saneamento, na ausência de áreas verdes para lidar com os eventos climáticos intensificados e em não saber o que vai acontecer consigo e com a comunidade. É adoecedor estar dia a dia em contato com as fumaças das termelétricas, passar por um grande corpo d'água poluído, sujo e com um cheiro insuportável de sentir todos os dias.

Como é possível fortalecer redes no território? A memória dos fazeres coletivos constrói possibilidades de futuros diante das preocupações e da exaustão que a imprevisibilidade carrega. O contexto periférico de não estar assegurado quando faz muito calor e frio ou chove intensamente, é vivido o tempo inteiro. O território está num contexto de disputas, de violações e resgates, vivendo em governanças de forças que querem se desfazer da memória vivida. O lugar de se estar é de constante permanência e contradição. Num sistema que obriga a fazer o contrário, numa perspectiva individual e que responsabiliza quem é afetado pelo o que acontece, os cenários mostram o esforço de se manter e de resgatar redes e coletividades. Pensar o território é acessar como era a vida daquele lugar antes mesmo de se estar nele, é rememorar de onde se veio para saber qual caminho seguir. Saber mais do território permite envolver, conectar e entender.

"Toda vez que a termelétrica era ativada, a gente conseguia ver pelas chaminés, e era muito adoecedor, era muito visível as pessoas adoecendo. E ali eu já comecei ver algumas coisas estranhas, e que me chamava muito atenção porque é um contraste muito grande de onde eu cresci na minha adolescência" — Giulia

"Então, além dessa carga de não saber se vai conseguir acessar algum equipamento de educação, de saúde, se vai conseguir ir pro trabalho por conta da chuva, todo esse estresse, mas também essa questão de não saber se vai conseguir, se as outras pessoas vão conseguir sair bem dessa. Como as outras pessoas estão dentro da comunidade, tem esse senso de coletividade, então, quando o outro também tá enfrentando desafios, acaba impactando na vida de todos." — Ana

"Eu acho que a informação também é uma forma de cuidado. Informações que eu posso usar no meu cotidiano para me ajudar" — Ana

"Tinham coisas que eu não sabia e só procurei saber tentando entender melhor meu território já estando dentro do ativismo." — Giulia

Nos lugares que os jovens ocupam de diferentes formas, a irregularidade do tempo faz necessário estar sempre próximos às redes de cuidado. Ter alguém próximo para lidar com as imprevisibilidades, fortalecer e compartilhar as dificuldades é preciso para se estar junto. Se sentir sozinha e desvalorizada no que se faz enquanto jovem no território, desmobiliza. E esse projeto de exaustão cotidiana, se sustenta quando, a partir da escuta e das trocas, se produz sentidos de vida e de permanecer. O encontro com o coletivo é conectar outras forças dentro dele mesmo, de não esquecer e de ser possível sonhar, perceber a diferença do que se é construído no cotidiano, que aumenta e amplia na comunidade, junto da ancestralidade que percorre esse caminho. Com o fortalecimento da rede nas relações e

nas comunicações com o lugar, pode-se também criar um vínculo comunitário, porque a memória atravessa e se aproxima dos saberes e dos espaços compartilhados.

> "Eu tive que ir atrás de outras pessoas que estivessem mais ou menos nas mesmas condições que eu e foi dentro do ativismo que eu encontrei essas pessoas. Acho que o ativismo também trouxe uma outra rede para mim que foi muito importante em outro lugar, mas muito importante também." — Giulia

A construção é cansativa, caminhamos em terras desmatadas e nadamos em águas poluídas todos os dias. A produção de territórios com exclusividade, construídos e explorados pelo mercado, faz com que se tenha outras prioridades: a de trabalhar, de colocar comida na mesa, de pagar aluguel. Os contextos políticos trazem a sensação de impotência, num conflito de estar entre o que se vive e o que se deseja, daquilo que é direito! Por isso, é fundamental que nesse momento se esteja fortalecido com o que faz sentido e seja construído em coletivo.

> "Mas eu acho que o principal é você poder trabalhar com algo que vê que vai fazer diferença no lugar que você mora. Então, é aquele sonho do seu lugar ser um lugar melhor, aquele sonho das pessoas conseguirem ter mais acessos. Você vê que no seu dia a dia você tá construindo, aos pouquinhos, essa realidade tão almejada pelas pessoas." — Ana

> "O ativismo com essas pessoas me faz acreditar, sabe? Que algumas coisas podem mudar e vem mudando. A gente faz muitas coisas que têm resultados muito interessantes, vendo outros movimentos, fazendo várias coisas. Eu acho que dá vontade de viver mesmo, eu acho que traz de volta uma alegria que a gente perde nessa rotina exaustiva e muito solitária. Então eu acho que o ativismo tem todo esse papel na minha vida." — Giulia

O encontro permite que se olhe o que possibilita sonhar. Talvez um sonho ainda acordado e em terras áridas da realidade, mas com respingos de um mergulho mais profundo na fluidez do tempo-memória, permitindo caminhos. Trazer a memória numa perspectiva de palavras germinantes. Esse envolvimento da terra, dos saberes, das pessoas e de outros seres é o que produz sentido de futuros, porque existe o compartilhamento. Muito do que é normalizado ao se atravessar a cidade, apaga as relações com as águas e com a terra. A necessidade de reinventar caminhos é cansativa, mas o encontro com pessoas que se interessam em discutir sobre o território, os impactos e forças que o atravessam, dá a possibilidade de vínculos de confiança. Que o que nos resta de possibilidades seja potência para que se tenha um pouco de otimismo, que mobilize o que se constrói no caminho.

a informação também é uma forma de cuidado...